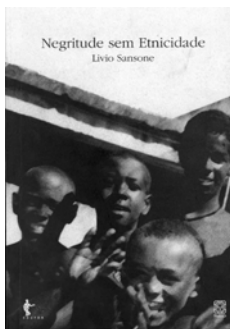


A 'negritude' está para a manifestação cultural, assim como a 'etnicidade' está para a participação política?

Is "blackness" to "cultural expression" as "ethnicity" is to "political participation"?

Fátima Cecchetto

Pesquisadora do Laboratório de Educação em Ambiente e Saúde
Departamento de Biologia do Instituto Oswaldo Cruz/Fiocruz
Av. Brasil, 4365 Manguinhos
21040-900 Rio de Janeiro – RJ – Brasil
face@ioc.fiocruz.br



Lívio Sansone
Negritude sem etnicidade:
o local e o global nas
relações raciais e na
produção cultural
negra do Brasil.
Salvador, Ed. UFBA/
Pallas, 2003, 335 p.

N*egritude sem etnicidade*, do antropólogo italiano Lívio Sansone, reúne resultados de pesquisas sobre o tema das relações raciais no Brasil e na Holanda. Autor de trabalhos sobre 'raça', juventude negra e música, Sansone apresenta uma seleção de ensaios e artigos que abordam o impacto local de transformações globais sobre as diferentes construções da etnicidade em três cidades: Rio de Janeiro, Salvador e Amsterdã, onde esteve nas décadas de 1980 e 1990.

O percurso dos argumentos segue uma espécie de mapa afetivo e teórico cujos pontos cardeais são momentos da trajetória pessoal e profissional desse pesquisador que viveu na Holanda e mora e trabalha no Brasil há vinte anos. O autor mescla teoria e observação direta na maior parte dos capítulos, produzindo um texto acadêmico competente e de interessante leitura.

Na introdução, o primeiro eixo de análise focaliza a circulação transatlântica dos discursos e práticas étnico-raciais. Aliás, é através da noção de Mundo Atlântico Negro – como tem sido heurísticamente chamada por Paul Gilroy¹ essa área que abrange parte da Europa, as Américas, a África e o Caribe – que Sansone dialoga a respeito da criação das chamadas identidades negras no Brasil (p. 13). Sua tese central, a de 'Negritude' e 'Etnicidade' como conceitos e práticas dissociáveis, se organiza a partir de temas como globalização, pós-modernidade, multiculturalismo, mestiçagem e fragmentação. Algumas dessas noções se mostram esclarecedoras dos processos sociais que, em sua opinião, limitam a mobilização no Brasil e em outros lugares em torno da 'raça' e da etnicidade. A novidade do livro está na ênfase para o desenvolvimento de uma antropologia dos fluxos cultu-

¹ Mundo Atlântico Negro, segundo Paul Gilroy, autor do livro *Black Atlantic* (1993), refere-se às estruturas transnacionais que se desenvolveram na modernidade e deram origem a um sistema de comunicações globais marcadas por fluxos e trocas culturais.

rais transnacionais dada a importância que os grandes centros urbanos têm para as novas etnicidades negras.

O desenvolvimento das *juvetnicidades*, termo utilizado para descrever a mistura de fatores étnicos e geracionais na constituição das subculturas juvenis, poderia ser apontado como um outro eixo de análise. Nesse sentido, seguindo as indicações de Nestor Garcia Canclini quanto às repercussões da globalização cultural, o autor adota uma visão alternativa à tese da homogeneização, propondo o conceito de 'heterogeneização global', para pensar a criação das identidades nesses novos tempos. O tema da *terminologia racial* perpassará todos os capítulos, pavimentando o caminho trilhado no exercício comparativo entre as diversas culturas negras contemporâneas e os padrões locais de relações raciais.

Em relação ao conceito-chave de etnicidade, no entanto, Sansone não aborda, logo de início, os dilemas que envolvem o uso do termo, popularizado nas Ciências Sociais no entre-guerras e, muitas vezes, paradoxalmente reificado em contraste com a noção de raça (Stolcke, 1991). O autor retornará ao tema somente no capítulo final, empreendendo uma instigante discussão sobre as tensões contemporâneas entre identidade cultural, raça e comunidade negra com teóricos da etnicidade como Michael Banton e Albert Cohen. Desse lugar, posiciona-se contra qualquer obsessão com pureza racial ou absolutismos étnicos, embora positive a noção de identidade negra. Pode-se dizer que essa postura reflete as tensões entre particularismo e universalismo que atravessam o campo das relações raciais.

O primeiro capítulo oferece uma visão geral da posição sócio-econômica dos denominados *afro-brasileiros*. Ressalta-se, aqui, a preocupação do autor em demonstrar as principais estratégias da população negra baiana para a participação no desenvolvimento em diferentes períodos da sociedade brasileira. Como seu campo de pesquisa centrou-se em duas áreas proletárias de Salvador – Camaçari e Caminho da Areia –, o autor verificou que muitos canais de mobilidade importantes para a classe operária deixaram de ser valorizados pelas gerações novas de negros de classe baixa. Isto porque nos anos 90, com o agravamento do desemprego estrutural, as atividades de lazer e o consumo de estilos ganharam cada vez mais importância na definição das identidades.

Sempre no sentido de avaliar as repercussões locais de processos globais, Sansone anota a influência da cultura juvenil globalizada como um outro fio que compõe a teia do entendimento do que se passa com as novas etnicidades negras. Assim, é interessante constatar tanto a formação de um circuito comunicativo de moda e de música que ultrapassa as fronteiras do Estado-nação, permitindo as trocas culturais entre as populações negras dispersas, quanto os limites impostos aos jovens das camadas populares para o acesso a produtos industrializados e o consumo de comportamentos globalizados.

Idéia ainda mais precisa sobre o impacto desse conjunto de fatores para a percepção da 'raça' em Salvador é o crescente uso do termo 'Negro', que perdeu a conotação ofensiva entre os jovens. Para caracterização desse novo cenário, o pesquisador lança mão da definição de 'áreas leves', 'áreas pesadas' e 'intermediárias' nas relações raciais, espa-

ços nos quais a cor pode ser um fator de prestígio ou empecilho (p. 78-80). Outra marca desse processo seria a menor demonstração de reverência dos jovens negros pobres pelos 'brancos e/ou ricos', configurando uma etiqueta racial diversa da dos pais, decorrente a vivência da negritude como um valor. Entra em cena, nesse particular, a manipulação dos símbolos étnicos tradicionais, como um movimento necessário para ser 'moderno'.

As transformações nos usos dos símbolos nacionais e internacionais, sobretudo os que remetem à África na cultura baiana, é o tema do capítulo dois. A análise do circuito do Atlântico negro é particularmente importante para se compreender os contornos que a identidade negra assumiu em termos de estilo de vida. No esquema interpretativo do autor, o consumo é um poderoso marcador étnico (p. 103). Sem a conotação genética, o termo é aqui utilizado para demonstrar o peso do processo de mercantilização da cultura negra na definição da cidadania. Desse modo, na configuração da nova cultura negra baiana Sansone aponta para uma combinação peculiar entre a manipulação de um poderoso banco de símbolos étnicos e religiosos associados à pureza e à autenticidade e o intercâmbio material e simbólico com as culturas negras anglófonas. Paradoxalmente, como a pesquisa identificou, ao mesmo tempo em que a globalização possibilitou certas formas de negritude estetizada, fez crescer o sentimento de exclusão entre os jovens.

O capítulo três complementa o texto anterior no que se refere ao crescimento das ligações internacionais da chamada cultura negra. Apoiando-se em estudos que analisam os efeitos locais da globalização econômica, Sansone mostra a convergência de fatores estruturais no âmbito da população negra de ambos os lados do Atlântico, como o desemprego de longa duração, o crescimento de novas formas de criminalidade e, em menor escala, o lazer e os estereótipos sexuais associados ao corpo negro (p. 143). Todavia, criticando as posturas que antevêm o fim das criações locais, o pesquisador nos lembra que os personagens dessas redes internacionais têm a oportunidade de redefinir as diferenças, através da celebração de estilos. Aqui se esboça mais fortemente o questionamento acerca da etno-política dos negros brasileiros, fio condutor dos ensaios do livro. Diz o autor: "A nova identidade baiana negra enfatiza alguns dos dilemas das relações raciais brasileiras. Exibe um sentimento fraco de 'comunidade negra', ao lado de uma cultura negra forte e rica..." (p. 153).

Para analisar essa tensão, o autor aponta, entre outras particularidades das relações raciais brasileiras, a recusa à polarização étnica, uma espécie de etnofobia nacional. Como discute mais adiante, o quadro é, assim, aparentemente contraditório. A nova cultura negra, cuja dimensão central é a liberdade do indivíduo para gerir suas próprias escolhas no que diz respeito ao acesso ao consumo e à modernidade, favoreceria o distanciamento de um uso coletivo da identidade negra.

No capítulo quatro, o antropólogo sublinha a importância que a música tem exercido na reprodução da cultura do Atlântico negro. A nova configuração das identidades negras também pode ser compreendida pela explosão, na Bahia e no Rio de Janeiro, da música *funk*,

ritmo de inspiração norte-americana que tem exercido papel fundamental na reinterpretação de diferentes culturas juvenis. A chave interpretativa da heterogeneidade é aqui retomada no sentido de lançar luzes sobre as generalizações que ligam determinado gênero musical a um tipo de identidade étnica (p. 170). Na sua percepção, persistem aspectos inteiramente locais determinados pelos contextos estruturais e tradições musicais distintas, o que permite compreender o alto grau de ecletismo nas preferências e nos usos da música negra como uma marca diacrítica (p. 203).

Como esse capítulo tem o objetivo de comparar a subcultura *funk* em dois contextos, Sansone mostra como os objetos da cultura são explorados pelos jovens para criar uma aparência negra, porém brasileira. Nas duas cidades, Salvador e Rio de Janeiro, apesar de o discurso nativo enfatizar a mistura e o contato racial promovido pelo *funk*, seus poucos dados etnográficos, especialmente os do Rio, revelaram a sub-representação dos brancos nessa festa. Desse modo, o baile *funk* parece ser um bom exemplo do argumento e do questionamento da ‘negritude sem etnicidade’: a presença maciça de negros não é suficiente para alimentar uma mobilização étnica em torno da identidade negra. Como argumenta o pesquisador, a conotação étnica de ser negro é variável e as estratégias de afirmação étnica e política não são determinadas pela cultura negra ‘forte’, enfatizando o caráter interacional da cultura, mais que seu poder causal.

O quinto capítulo oferece uma análise das estratégias sociais de jovens negros de classe baixa de duas cidades globais: Salvador e Amsterdã. Além de descentrar os Estados Unidos como medida na análise das relações raciais brasileiras, a intenção nesse capítulo é mostrar os caminhos percorridos pelos grupos para adquirir prestígio social num contexto de precarização sócio-econômica.

A comparação feita entre dois contextos tem como ponto de partida a retomada da discussão da classe como variável explicativa para a condição ou o *status* dos negros. A análise advém de uma observação dos *creole*, maior grupo negro da cidade de Amsterdã, originário de parte do Suriname, na América Central, pesquisado entre 1981 e 1991. Pelo que afirma o autor, na Holanda, as visões sobre os surinameses é ainda assunto de acirrado debate com base em idéias estereotipadas sobre os negros e também pela auto-exclusão de determinadas atividades laborais. Na tentativa de resumir os sistemas locais de relações raciais e suas lógicas, o autor descreve Amsterdã, onde os negros são uma minoria relativamente pequena, como uma cidade muito aberta etnicamente, isto é, “a etnia e o direito à diversidade cultural são celebrados como valores positivos na Holanda” (p. 235). No Brasil, a mestiçagem, a ambigüidade, o *continuum* de cores seriam as marcas positivas da sociedade, e a etnicidade não seria uma linha demarcatória para a constituição de grupos.

Atento às experiências concretas da classe social nos dois países, o autor mostra como os jovens negros na Bahia têm menos opções que os surinameses *creoles*, na medida em que este último grupo goza entre outras coisas de um sistema de seguridade social eficaz, de um país desenvolvido como a Holanda. Em outro ângulo, enquanto para os surinameses a questão de se coloca é ‘como ganhar mais, em empregos

decentes para se equiparar aos jovens brancos europeus', para os jovens brasileiros a questão é 'como conseguir o primeiro emprego e permanecer nele'. É real, também, o fato de que para compensar o *status* de classe baixa, as estratégias utilizadas pelos grupos têm se centrado no consumo ostensivo e na estetização do corpo negro, o que tem contribuído para o que o autor denomina como 'moderno hedonismo negro global', causa e consequência dos novos processos de racialização (p. 242).

Finalmente, na conclusão o autor faz uma reflexão sobre as identidades étnicas nas sociedades contemporâneas, ressaltando a importância de se compreender as experiências multiétnicas no contexto urbano moderno no lugar dos essencialismos que colocam a negritude em oposição à modernidade. Seu argumento principal é de que não é possível conceber uma teoria da mobilização étnica universal, cuja base *ortodoxa* idealiza um compromisso integral da 'raça' articulada a um discurso político (p. 254). Sugere que para se entender a ausência de uma mobilização étnica no Brasil é preciso antes examinar as mudanças estruturais que reorientaram as políticas de identidade, numa sociedade de tradições universalistas rigorosas como a brasileira. Por fim, defende uma nova versão da identidade negra, que, liberada de existir somente como tradicional, inspire os teóricos a considerarem a mestiçagem, sem que isso implique a afirmação do paraíso racial. *Negritude* constitui o produto de uma notável obra de pesquisa social qualitativa transcultural, ainda que focalize, no sistema de relações raciais brasileiras, as especificidades da Bahia. Seu mérito é deslocar a tendência hegemônica nos estudos das relações raciais brasileiras, que toma os Estados Unidos como medida de comparação.

Referências Bibliográficas

- | | |
|---------------------------------|---|
| Canclini, Nestor Garcia
1999 | <i>Consumidores e Cidadãos.</i>
Rio de Janeiro: Ed. UFRJ. |
| Stolcke, Verena
1991 | Sexo está para gênero, assim como raça está para etnicidade?
<i>Estudos Afro-Asiáticos</i> , n. 20, p. 101-19. |



